



O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

Thais Regina Santana da Silva ¹; Carla Salatti Almeida Ghirello-Pires²

RESUMO: Esta pesquisa discute questões relevantes a respeito da escrita em crianças com a síndrome de Down, com o objetivo de caracterizar processo de aquisição da escrita de dois sujeitos com síndrome de Down, sendo que o sujeito KN, sexo masculino de 7 anos e KY, sexo feminino de 9 anos e 2 meses, sendo acompanhados na clínica escola de Fonoaudiologia, considerando que as sessões de terapia ocorriam em grupo e individualmente, duas vezes por semana com duração de 50 minutos cada sessão, na qual as estratégias baseavam-se em conhecimentos de seu cotidiano com o intuito da realização de produções textuais. Os resultados indicaram que as duas crianças analisadas apresentam similaridades, apesar de existir particularidades pelas próprias características de cada criança. Portanto, crianças com essa síndrome apresentam possíveis dificuldades de alfabetização que não podem ser tomadas como obstáculos, devido o falta são condições ideais para a superação desta dificuldade, ressaltando que essas crianças podem construir suas hipóteses de aquisição do sistema de escrita, considerado natural em todos os indivíduos, até mesmos adultos não alfabetizados.

PALAVRAS CHAVES: Aquisição; escrita; síndrome de Down.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa discute questões relevantes a respeito da escrita em crianças com a síndrome de Down (SD). Historicamente a síndrome de Down tem sido estudada desde o século XIX, mas até ser descoberta, as pessoas com essa síndrome sofriam muitos preconceitos e marginalizações sociais. A etiologia dessa síndrome segundo Schwartzmann (2003) seria por trissomia simples, ou seja, somente pela presença de um cromossomo 21 extra, ou por translocação, cujo cromossomo 21 adicional está fundido com outro cromossomo, ou raramente por mosaïcismo que faz com que nem todas as células do corpo humano tenham essa trissomia, sendo que John Langdon Down em 1866 foi quem descobriu a síndrome de Down, na qual como referiu Castelhão et. al. (2003) preocupou-se mais em descrever as características desses indivíduos.

Essa síndrome é caracterizada por Guedes-Pinto (2000) pela presença de retardo mental e inúmeras anomalias físicas, alterações cardíacas riscos de infecções pulmonares, dentre outros. Sua incidência é de 1 para 660 crianças vivas, além disso, Gusmão (2003) diz que sua causa está associada à idade materna, pois quanto mais avançada a idade materna, mais chance de nascer uma criança com essa síndrome.

Esses dados variam de acordo com cada autor ou região onde foi realizada a pesquisa de acordo com o levantamento de literatura, embora não seja a informação mais

1. Discente do Curso de Fonoaudiologia do CESUMAR – Maringá- Paraná,
tatinha.santana19@hotmail.com

2. Docente e Coordenadora do Curso de Fonoaudiologia do CESUMAR- Maringá- Paraná,
carla@cesumar.br

importante, pois pode ocorrer em qualquer família.

Também é caracterizada por Silva et. Al (2002) como uma desordem genética, ressaltando que a participação da família no processo de desenvolvimento e adaptação dessa criança no seu contexto sociocultural é imprescindível, mas essa autora diz que causa deficiência mental em graus variados. Nesse ponto descordo, pois fere a abordagem discursiva que considera a interação social e familiar como foco para o desenvolvimento do sujeito, pois ao acreditar nessas bases teóricas que prioriza a patologia e deixa o sujeito em segundo plano, sendo que na verdade o que importa não são os graus de deficiência, se é que isso existe, mas os estímulos que essa criança recebe de seu meio social, cultural e familiar.

Temos que levar em consideração o meio em que essa criança está inserida e não só a patologia. Porém, vale ressaltar que ainda é difícil tratar de assuntos que estão inseridos na sociedade como, por exemplo, da sexualidade em pessoas com a síndrome de Down, sendo que segundo Castelhão et. Al. (2003) tanto para próprio sujeito quanto para a sua família, pois muitas vezes os pais preocupam-se mais com a inclusão do que com esses temas, fingindo que isso não existe para eles.

Só que essa barreira também não só existe com relação à sexualidade, mas também com relação à escrita dessas crianças, que muitas vezes são vistas como incapazes de desenvolvê-la.

Cada pessoa vive uma experiência particular, o que foi comprovado na pesquisa de Limongi et. Al. (2003), que afirmou que um par de gêmeos com síndrome de Down vai apresentar cada um com seu próprio ritmo e que com o passar do tempo podem apresentar mais similaridades de forma global.

A escola faz com que qualquer criança desenvolva suas capacidades, como argumentou Mills (2003), mas isso depende do aluno, professor e família, considerando que mesmo a criança com a síndrome de Down tendo dificuldade na aprendizagem em decorrência do atraso na linguagem, deve estimulá-la.

É necessário desse modo, esclarecer como é o sistema de escrita, sua história, como surgiu, os tipos de escrita, considerando que segundo Cagliari (1989) a escrita é um sistema que pode ser baseado no significante (de valor lingüístico sonoro, ou seja, fonético) e no significado (de valor semântico, ou seja, com o significado ou o conteúdo da mensagem). Historicamente a escrita surgiu da necessidade do homem de transmitir uma mensagem, isto é, de comunicar-se, só que inicialmente foi através de símbolos com significado universal, sendo essa a fase Pictórica. Depois, veio a fase Ideográfica, representada também por símbolos com significado convencional. Por último veio a fase Alfabética, como escrita baseada no significante para aqueles que não sabem escrever, e baseada no significante e no significado para aqueles que sabem escrever.

A escola se preocupa mais em ensinar o mecânico da escrita do que seu uso social, sua arbitrariedade e convencionalidade. O fato é que a escola não permite que a criança escreva textos espontâneos, como diz o autor citado acima, pois mostram os caminhos e as hipóteses que a criança faz até aprender a convenção ortográfica, sendo que na escrita essas hipóteses são vistas como erros e não são aceitas na escrita.

Essa pesquisa mostra sua importância na sociedade, justamente para desmistificar a idéia de que a criança com síndrome de Down não tem capacidade para adquirir a leitura e a escrita. Esses equívocos são decorrentes de um desconhecimento, tanto de profissionais quanto por leigos, do funcionamento da linguagem nessas crianças e de pré-julgamentos oriundos da percepção direcionada somente pela condição orgânica. Segundo Stratford (1997) a criança só é deficiente diante das exigências da sociedade impostas a ela.

O objetivo desta pesquisa foi caracterizar o processo de aquisição da escrita de dois sujeitos com síndrome de Down.

2 MATERIAL/ MÉTODO

Esta pesquisa é de enfoque qualitativo, na qual os sujeitos desta pesquisa foram duas crianças diagnosticadas com a síndrome de Down, sendo denominadas de sujeito KN e KY, o primeiro é do sexo masculino, tem 7 anos, o segundo é do sexo feminino, tem 9 anos e 2 meses, ambos estudam na 1ª série do ensino Fundamental, foram acompanhados na clínica escola de Fonoaudiologia do CESUMAR (Centro Universitário de Maringá), sendo que as sessões de terapia ocorriam em grupo e individualmente, duas vezes por semana com duração de 50 minutos cada sessão. As crianças foram estimuladas a contar suas novidades e assuntos cotidianos, como situações familiares, vivências na própria dinâmica familiar, histórias infantis e posteriormente eram feitas as produções textuais. Essas produções foram organizadas em cadernos para posterior análise.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicaram que as duas crianças analisadas apresentam similaridades e particularidades como em qualquer população. Portanto, crianças com SD apresentam algumas dificuldades, mas essas não podem ser tomadas como obstáculos, pois muitas vezes o que lhes falta são condições ideais para a superação desta dificuldade. Veja nas figuras a seguir:

A figura 1 representa uma atividade de produção textual sobre a história dos “Três Porquinhos” realizada no dia 11/ 06 /2007. A figura 2 demonstra uma atividade de produção textual sobre a história infantil do “menino e a galinha” realizada no dia 28/ 06/ 07.

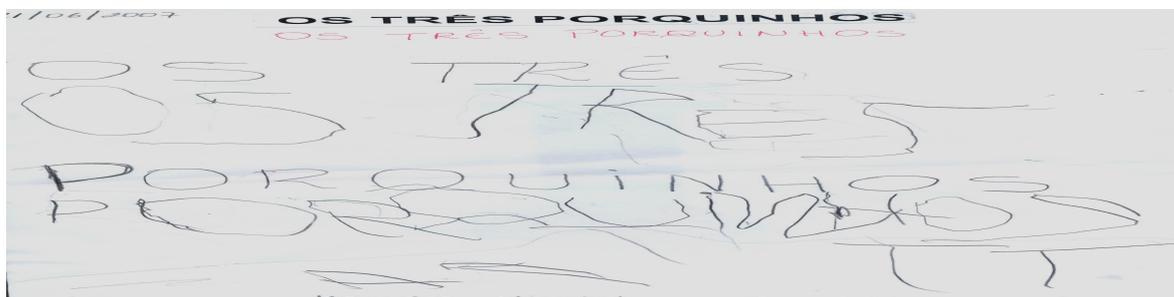


Figura1: sujeito Kn - História dos três porquinhos.

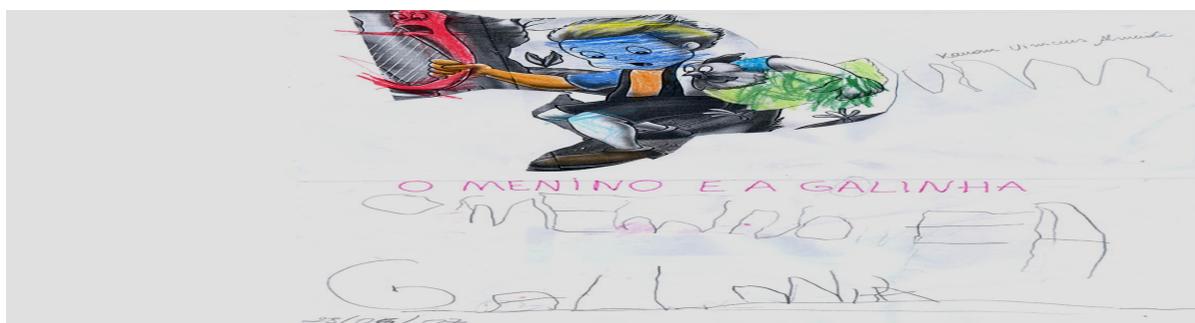


Figura 2: sujeito Kn - a história do menino e da galinha.

Esses dados demonstram que o sujeito KN está em fase inicial de apropriação do sistema de escrita e ainda não domina os aspectos discursivos da escrita, como coerência textual (estrutura do texto), coesão textual (uso de elementos de ligação, por exemplo, artigos e preposições, que ajudam no encadeamento das idéias e na retomada de termos do texto), pontuação, acentuação e paragrafação; e aspectos motores da escrita. Quanto aos aspectos notacionais não realizou nenhuma hipótese, justamente por

ter escrito conforme o modelo da terapeuta, mas vale ressaltar que é necessário esse tipo de intervenção em fases iniciais de aquisição da escrita, principalmente quando o terapeuta leva-o a refletir o que está sendo escrito, além disso, esse sujeito evoluiu bastante no decorrer das terapias porque no ano de 2006 nem se quer fazia o traçado da escrita, hoje consegue, mas ainda assim é em letra de forma com pouco de tremor, devido a pouca habilidade de coordenação motora fina para a escrita, embora seja uma criança que se distrai facilmente durante as atividades. Quanto aos aspectos motores da escrita apresenta preensão em pinça, pressão adequada, precisão com traçado ininteligível da escrita em atividades de escrita espontânea como na figura 2 ao escrever seu nome em forma de garatuja, apresentando pouca noção de direção da escrita.

A figura 3 demonstra uma atividade espontânea sobre as atividades do sujeito KY no dia 17/05/07 na Equoterapia com relação ao cavalo Pepeo, sendo mediada em alguns momentos pela terapeuta. A figura 4 representa uma atividade espontânea de produção textual sobre um cartão para o dia dos pais, sendo realizada no dia 09/ 08/ 07.



Figura 3: sujeito KY - atividade de escrita envolvendo atividade na Equoterapia.

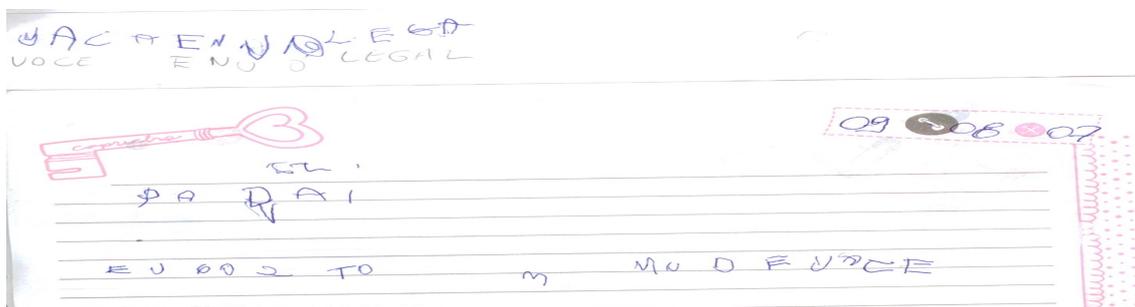


Figura 4: Sujeito KY – atividade do dia dos pais.

O sujeito KY demonstrou nesses dados estar ciente da organização da estrutura frasal e silábica, pois escreveu “eu ando no cavalo Paepeo”, esses não são elementos aleatórios, mas estão correlacionados. Além disso, se colocou no texto como sujeito ao escrever “eu”, estando se apropriando ainda do sistema de escrita sujeito não dominando os aspectos discursivos, como coerência textual, coesão textual, pontuação, paragrafação e acentuação, mas quanto à coesão textual na figura 3 escreveu elemento de ligação da frase “no” mesmo que tenha um traçado incorreto da escrita. Quanto aos aspectos notacionais apresentou acréscimo de letras ao escrever “paepeo” para “pepeo”, porém a letra “p” está muito associada a “papai”, devido ser essa palavra que o sujeito gosta mais de escrever. Quanto aos aspectos motores, apresenta preensão em pinça; pressão adequada; precisão um pouco adequada, mesmo escrevendo com escrita manuscrita e apresentando refacção; direção da esquerda para direita. Na figura 4, o sujeito escreveu “você é muito legal”, “papai eu gosto muito de você”, sendo que mais uma vez demonstrou conhecimento da estrutura frasal e silábica, além de escrever “papai”, “eu” e “go” de gostar sem mediação do terapeuta na segunda frase, e na primeira frase escreveu “le” de “legal” sozinha.

4 CONCLUSÃO

Conclui-se que o processo de aquisição da leitura e da escrita bastante complexos até mesmo para crianças que não tem queixas de dificuldades escolares, geralmente essas costumam realizar muitas hipóteses sobre a escrita, o que é algumas vezes tomado como “erro” da criança pela escola, sendo este uma fonte de rotulações para crianças que ainda estão adquirindo a leitura e a escrita. Da mesma forma, uma criança com síndrome de Down também pode realizar suas hipóteses, o que é considerado natural em todos os indivíduos, até mesmos adultos não alfabetizados. Não estamos discordando que existe um atraso de aquisição da linguagem nesses sujeitos, mas afirmamos que seu processo de apropriação do sistema de escrita é lento e necessita de constante mediação. Pode-se concluir que estas crianças apresentam diferenças, mas estas não impedem sua apropriação do sistema de escrita, pois suas dificuldades podem ser superadas através da mediação exercida em suas atividades.

REFERÊNCIAS

- CACLIARI, L.C. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: ed. Scipicone, p. 96- 146, 1989.
- CASTELÃO, Talita Borges; Schiavo, Márcio Ruiz; Jurberg, Pedro. *Sexualidade da Pessoa com Síndrome de Down*. Rev. Saúde Pública (São Paulo). v.37, nº1, p. 32-39,2003.
- GUEDES- PINTO, Antônio Carlos. *Odonto Pediatria*. Santa Livraria (São Paulo). 6ª ed. p. 899, 2000.
- GUSMÃO, Fábio A. F.; Tavares, Eraldo J. M.; Moreira, Lília Maria de Azevedo. *Idade Materna e a Síndrome de Down no Nordeste do Brasil*. Cadernos de Saúde Pública. v. 19, nº4, jul-ago, p. 973-978, 2003.
- LIMONGI, Suelly Cecília Olivan; Andrade, Rosangela Viana; Lima, Fabiola Augusta Guimarães de Freitas; Alabarse, Valeria Mondin; Perez, Vera Maluf. *Processo Terapêutico Fonoaudiológico Realizado com um Par de Gêmeos Portadores de Síndrome de Down*. Revista de Atualização científica – Pró-Fono. Março, v.12, nº1, p. 24-33, 2000.
- MILLS, Nancy Derwood. *A Educação da Criança com Síndrome de Down*. In: SCHARTZMAN, José Salomão e cols. *Síndrome de Down*. São Paulo: Memnon: Mackenzie, 2ª ed. p.232 -262, 2003.
- SILVA, Nara Liana Pereira; Dessen, Maria Auxiliadora. *Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família*. Interação em Psicologia. v. 9, nº2, p. 197-176, 2002.
- SCHARTZMAN, José Salomão e cols. *Síndrome de Down*. São Paulo: Memnon: Mackenzie, 2ª ed. p. 3-31, 2003.
- STRATFORD, Brian. *Crescendo Com a Síndrome de Down*. Brasília: CORDE, p. 13, 1997.

